

POLÍCIA MILITAR: QUAL A VISÃO TRANSMITIDA PELA MÍDIA, QUANDO SE TRATA DA CRIMINALIDADE?

MILITARY POLICE: WHAT IS THE VISION TRANSMITTED BY THE MEDIA, WHEN IT IS THE CRIMINALITY?

CARDOSO, Aline Rodrigues Bastos Alves¹
PEREZ, Melchisedeck Almeida Campos²

RESUMO

Este artigo apresenta a importância da mídia na sociedade. A sua influência na maneira em que as pessoas interligam a Polícia Militar à criminalidade. O grande impacto que a mídia assume ao fazer referências a casos envolvendo a criminalidade e a violência, responsabilizando a polícia diversas vezes pela falta de Segurança Pública ou pelo mau cumprimento de leis específicas e cheias de brechas. Revertendo o cenário social, onde os autores de crimes, os infratores da lei, são apenas humanos indefesos sem alternativas e a polícia o malfeitor, punidor e destruidor de lares estereotipados pela mídia. Dessa forma, o presente estudo por se tratar de uma pesquisa de cunho quanti-qualitativo, tem como objetivo geral identificar qual a visão transmitida pela mídia, quando se trata da criminalidade. Para alcançar o objetivo em voga, foram utilizadas as metodologias de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, visando obter um levantamento teórico e estatístico a respeito da Polícia Militar e a visão transmitida pela mídia, quando se trata da criminalidade. A relevância deste estudo é justamente pelo fato de desvincular a imagem da Polícia Militar da criminalidade em si. Na maioria das vezes a mídia deturpa os fatos reais e causa nos telespectadores um sentimento contrário da segurança pública, pois 30% disseram que a violência é muito evidente segundo o que mostra a mídia. Conclui-se que ao mesmo tempo em que a informação é considerada um dos principais patrimônios da organização, sua violação é cada vez mais fonte de risco e ameaça.

Palavras-Chaves: Mídia. Criminalidade. Polícia Militar.

ABSTRACT

This article presents the importance of media in society. Its influence on the way people interconnect the Military Police to criminality. The great impact that the media assumes when making references to cases involving crime and violence, blaming the police several times for the lack of Public Security or for the failure to comply with specific and full-blown laws. Reversing the social scene, where perpetrators of crime, lawbreakers, are just defenseless humans without alternatives and the police the evildoer, punisher and destroyer of homes stereotyped by the media. In this way, the present study, because it is a quantitative-qualitative research, has as general objective to identify the vision transmitted by the media when it comes to crime. In

¹ Aluna do Curso de Formação de Praças. Turma A, Posse-GO, 24º Batalhão da Polícia Militar de Goiás - 13º CRPM - Posse-GO. allinebastos@gmail.com, junho de 2018.

² Professor Orientador: 2º Tenente QOAPM, 24º Batalhão de Polícia Militar de Goiás - 13º CRPM - Posse-GO. tenenteperez@hotmail.com, junho de 2018.

order to reach the current objective, the methodologies of bibliographical research and field research were used, aiming to obtain a theoretical and statistical survey about the Military Police and the vision transmitted by the media when it comes to crime. The relevance of this study is due to the fact of disassociating the image of the Military Police from criminality itself. Most of the time the media misrepresents the real facts and causes viewers to have a contrary feeling of public safety, as 30% said violence is very evident according to the media. It is concluded that while information is considered one of the main assets of the organization, its violation is increasingly a source of risk and threat.

Keywords: Media. Criminality. Military Police.

1. INTRODUÇÃO

Diante à problemática do tipo de cobertura da mídia sobre as ações policiais, a criminalidade e tendo em vista a importância deste meio de comunicação na percepção pública, percebeu-se no cenário contemporâneo que a mídia tem demonstrado que a ação jornalística não se restringe somente à transmissão de informações, mas tem a tarefa intrínseca de construir a notícia e formar opinião.

Dentro desse contexto, para muitos teóricos alguns temas que permanecem na mídia se transformam em “debate público”. Desse modo, mais que o simples registro e exposição do fato, o jornalismo escrito e televisionado, com o auxílio da internet, transmite ideias de interesse do público e do próprio jornalismo que mobiliza emoções, dramas, aumentando a audiência através de notícias reais e verídicas ou nem tanto assim.

Em outras palavras, a mídia age sobre o momento e fabrica aquela representação social que ela quer transmitir, não importando quão verídica é. Então reforça ideias já existentes ou provoca surgimentos de ideias ou interpretações espontâneas. O papel da mídia de forma geral é narrar notícias do dia e procurar cumprir sua função a qual basicamente é informar.

No entanto, ao expor as notícias, o jornal escrito ou divulgado pela televisão está exclusivamente ligado a impressionar, prender e aumentar a audiência em todos os sentidos. O jornal socialmente reconhecido pelos leitores e o jornalistas das maiores redes de televisão do Brasil em sentido mais restrito ao fazer menção à Segurança Pública apresenta fatos distorcidos e diferentes da realidade,

produzindo efeitos polêmicos e de grande repercussão na sociedade quando se trata da atuação policial.

Ainda no que tange a atuação policial, assuntos que a mídia ou o jornalismo destacam preferencialmente das ações policiais, negligenciam-se ou ignoram-se outros fatos que levaram a tal ação, fatos que para a mídia não seria bom ressaltar, pois não influenciaria no aumento da audiência, então são tidos como sem importância.

Assim sendo, a visão da mídia sobre a polícia quando se trata da criminalidade constrói certa imagem de realidade às vezes não existente, estabelecendo com o telespectador ou até mesmo leitor expectativas, interesses e conteúdos presentes no imaginário, manipulando a informação e transformando-a numa ideia deturpada do que é e o que faz a Polícia Militar, ou seja, há uma tendência a dar ênfase aos eventos violentos da polícia e ignorar as boas ações, pois não terá a audiência desejada, tal como acontece com as notícias ruins que envolvem policiais em especial.

Todavia, o jornalista não é culpado pela falta de veracidade das notícias, pois é um mero narrador dos fatos, incapaz de comentar, interpretar, na sua grande maioria, são profissionais que estão sujeitos às condições econômicas das empresas que concorrem no mercado.

Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo geral identificar qual a visão transmitida pela mídia, quando se trata da criminalidade e como objetivos específicos analisar a visão de outros autores que já abordaram o tema em voga; comparar aos resultados obtidos na pesquisa de campo realizada por meio de um questionário com perguntas fechadas e compreender a influência que as mídias têm diretamente na percepção da sociedade quanto ao crime e violência.

O estudo supracitado está estruturado em quatro etapas. A primeira etapa trata-se do referencial teórico trazendo de forma detalhada alguns estudiosos que já abordaram o assunto supracitado. A segunda etapa esclarece a metodologia utilizada, relatando o problema da pesquisa, além de apresentar os principais questionamentos que servem de orientação e descreve de forma sucinta como a pesquisa foi realizada. Já na terceira etapa foram analisados os dados obtidos na Pesquisa Bibliográfica e na Pesquisa de Campo, discutidos à luz da literatura e do referencial teórico utilizado. E por fim, as considerações finais, que foram retomadas sinteticamente as principais ideias apresentadas no decorrer do estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. MÍDIA, CRIMINALIDADE E A POLÍCIA MILITAR

A mídia tem uma função social, levar informação e conhecimento. Através de meios de comunicação de fácil acesso e dotada de uma evolução diária a televisão e a Internet, tem sido os canais mais utilizados pela mídia para, de forma inédita, com raras e honrosas exceções, alimentar a sociedade, influenciando-a de diversas formas e criando novas visões e versões, algumas certezas e incertezas, verdades ou não. “A televisão, por exemplo, deixou de oportunizar senso crítico há muito tempo, sendo um painel de frivolidades, amenidades, alienação e divertimento e, portanto, não servindo para divulgar nada que implique em pensar”. (HAMER, 2009).

Lembrando ainda que “a mídia possui um papel preponderante a ponto de definir os assuntos sobre os quais as pessoas conversam dentro de casa, no ponto de ônibus ou no trabalho. Desse modo tem o poder de selecionar e definir temas, estabelecendo prioridades”. (A TRIBUNA, 2018).

2.2. A MÍDIA FORMA, INFORMA OU DEFORMA?

O jornal informa, investiga e opina. A internet expõe, divulga e viraliza. Então surge “o problema”, a grande influência que a mídia tem em especial, quando envolve assuntos polêmicos, como a criminalidade e a polícia militar.

Reportagens, matérias expostas ao público e são transmitidas e obtidas, ficando sujeitas a todo tipo de interpretações positivas ou não. Ações diárias da polícia militar são omitidas pela mídia, como quando um policial salva um refém, quando faz um parto, quando protege a sociedade de inúmeras maneiras.

Por outro lado, cometimento de falhas, erros até mesmo sem dolo, são divulgados e espalhados como pólvora, através do jornal informativo, investigativo e opinativo. Pelas redes sociais policiais são expostos e vulgarmente julgados e condenados, sem o direito de defesa.

A mídia por incontáveis vezes utiliza linguagem tendenciosa ao criticar ações e/ou operações realizadas pelas Instituições de Segurança Pública, a saber:

“Em algumas programações têm-se verdadeiros palcos circenses nos quais a sátira e a chacota são evidenciadas como formas de transmissão das notícias sem, contudo, que se preze pela construção de mensagens verdadeiramente úteis para a sociedade” (CAMPOS, 2018).

O compromisso que a mídia tem é informar, não importa qual tipo de informação ou como ela será recebida pelas pessoas. Há uma conexão entre crime, mídia e cultura, as pessoas são fascinadas pelas notícias envolvendo ações violentas. Os jornais e as redes sociais criam e influenciam a compreensão coletiva dos fatos, narrando os fatos e dando significados a eles, compelindo o público a captar através da mídia o resultado por eles esperados, muitas vezes a oposição as ações policiais.

“Todo crime é fundamentado na cultura”. Acredita que as pessoas sentem prazer, emoção e desejo por práticas criminosas. Por causa da grande audiência expressiva a mídia denigre a imagem da polícia, de forma indireta, incentivando ações criminosas, apoiando e defendendo ações de criminosos. (JEWKES, 2006, p.30).

Por ter um grande impacto, muitas vezes a mídia, com uma ótica crítica, faz com que diretamente ou indiretamente a sociedade interprete as informações transmitidas, de forma “imposta”.

Dentro desse contexto, é importante observar que “não é a consciência do homem que determina o seu ser, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência.” Então, quando a mídia lança um fato e uma opinião, a sociedade se prende e se molda de acordo com o que foi produzido e transmitido, sendo formado o “ser social o qual determinará sua consciência”. (MARX, 2013).

Por mais que a mídia seja advinda do particular, tem-se uma ideologia estatal, pois é forçada pela classe dominante a seguir um padrão pré-estabelecido por pessoas influentes da alta sociedade. Marilena Chauí destaca “embora a sociedade seja dividida em classes e cada qual devesse ter suas próprias ideias, a dominação de uma classe sobre outras faz com que só sejam consideradas válidas, verdadeiras e racionais as ideias da classe dominante”. (CHAUÍ, 1980, p.36).

A mídia que articula e defende os interesses de criminosos do ponto de vista ‘Direitos humanos’ é a mesma que cobra segurança, que cobra da polícia atitudes e números, apenas em estatísticas, é a mesma que informa e deforma a

realidade, retorcendo os papéis, expondo conteúdos falsos como verdadeiros e verdadeiros como falsos.

Como sendo o instrumento de transmissão de informação, ele constrói e reconstrói fatos sociais, por meio de narrações de eventos ou acontecimentos, cujo grau de veracidade talvez tenha sido manipulado e estar sendo utilizado de maneira sensacionalista, gerando resultados positivos para uma grande audiência.

Entre mitos, verdades e equívocos, parece pertinente supor que a violência e segurança pública passaram a compor, neste mundo contemporâneo de riscos e incertezas, um par conceitual a partir do qual a violência é o fantasma cada vez mais presente que afronta e põe em risco a segurança. (PORTO, 2009).

A Polícia nas mãos da mídia tem variações de papéis. Bourdieu conclui inclusive que “[...] uma intenção maquiavélica da mídia, com o premeditado objetivo de distorcer ou ocultar fatos”, o que é sabido que é uma grande verdade, pois é possível perceber a manipulação da massa por meio da mídia corporativa cada dia mais. (BOURDIEU, 1996).

Baseado na afirmação supracitada entende-se que a construção dos fatos pode ser corrompida e manipulada, alimentando o sistema afetando no modo em que as pessoas e as demais mídias pensam, agem e vivem.

As informações da imprensa vêm evoluindo quando se trata da cobertura de matérias policiais. Jornais, internet e a mídia de modo amplo apresentam atributos de exposição, verifica-se um tipo de ideia ambígua, onde o suspeito, em muitas das vezes, agente da segurança pública, o próprio policial é exposto pela mídia e pré-julgado, a vítima é exibida com horror e os direitos humanos são muitas vezes ignorados.

Atuação da polícia ocupa grande parte de uma notícia, quer seja por meio da televisão, redes sociais. Enfim, às ocorrências são as mais violentas possíveis dando ênfase no aumento da criminalidade, o que influencia no convívio social.

Tal influência “age sobre os telespectadores comuns, mas também sobre as demais” criando uma tendência, desde falar de modo negativo do Estado, da Segurança Pública e até mesmo colocando a prova à formação e capacitação dos policiais (CHAMPAGNE, 2018).

Os policiais continuamente são apontados como violentos transgressores e violentadores dos direitos humanos, mas ao mesmo tempo são cobrados pela

mídia influente, a agirem com mais eficiência, incentivando às vezes o uso da violência. Na maioria dos casos a polícia tende a produzir ações violentas a partir da sociedade, que espera tal atitude, por ela ser a responsável em manter a ordem pública.

A mídia cria tensões na sociedade em relação à atuação policial. As informações divulgadas sobre eventos violentos, na maioria das vezes referem-se às ações policiais, na forma repressiva quanto ao uso e abuso da força física. No entanto, a mídia repassa a sociedade valores fortemente preconceituosos e desfavoráveis, influenciando e mantendo as pessoas reféns de uma ideia veiculada pela mesma.

Ao passo que falta de policiamento, por insuficiência de efetivo, gera insegurança da população e a mídia aproveita-se para distorcer os fatos expondo a polícia e criticando sua atuação incentivando a todos a acreditar na incapacidade dos policiais de fornecerem segurança pública.

A sociedade movida pelo medo e insegurança, cobra cada vez mais do policial, mais rapidez, mais eficiência, mais agilidade, mas ao tentar ser o que se esperam, muitos policiais deixam de serem heróis e passam a ser vistos como criminosos, caso dê errado a tal atitude. Logo, a mídia intervém modificando ou adulterando os fatos.

Com aumento da criminalidade, a sociedade reage de diversas maneiras. Nos últimos anos jornais, internet, redes sociais do Brasil e do mundo divulgam inúmeras notícias, confrontos armados em muitos estados, homicídios, assaltos, drogas, acidentes e uma série de notícias que preocupam a sociedade.

A mídia mostra qual a sensação vivida pela humanidade, no qual é uma mistura de insegurança, raiva, vontade de mudanças. Segundo a Major Tércia Ferreira da Cruz, “Os efeitos midiáticos influenciam a percepção do público, estimulando-o a colaborar com a segurança pública.” Então somos obrigados a concordar com tal ideia, onde o público quer colaborar com a segurança pública, mas como? Onde? Por onde começar? Qual a forma certa de ajudar?

2.3. SOCIEDADE, MÍDIA E POLÍCIA

É observado que a mídia, em todos os seus aspectos influencia as pessoas a terem um senso de comunicação, seja para denunciar atos irrelevantes

ou até mesmo grandes crimes. Emissoras de grande audiência, ao divulgarem imagens de pedófilos, traficantes, assaltantes, assassinos têm o apoio da maioria dos seus telespectadores, sendo grande o número de denúncias, anônimas ou não, fazendo com que a polícia capture e solucione uma vasta maioria de crimes. (DA CRUZ, 2008).

A ideia repassada pelas redes televisivas é de que a polícia mata muito. As mortes recorrentes, em sua maioria são de pobres e negros, os quais são alvos da violência policial. Tal crítica à polícia gera uma revolta da parte dos telespectadores, que ao invés de se sentirem seguros com a presença da polícia, passam a nutrir medo, ódio, rancor e repassa essa sensação a seus filhos e descendentes.

Por causa dos noticiários e da grande influência que a mídia tem, as pessoas passaram a formar opiniões distorcidas sobre a formação e capacidade dos policiais. Acreditam que a segurança pública é composta de profissionais sem preparo, sem treinamento adequado.

A forma que a realidade é transmitida pela mídia assusta as pessoas. O cenário atual das favelas do Rio de Janeiro e de São Paulo em especial, o tráfico de entorpecentes e/ou de armamentos, os delitos noticiados assustam, deixando um sentimento de preocupação constante, criando espaço para julgamentos errôneos com visões distorcidas sobre o papel e a capacidade dos policiais.

A visão transmitida pela mídia corporativa é um mundo violento e a culpa de tal violência é do policial que não é bem treinado, isto é, não está bem preparado. O agente de segurança pública que tortura, mata e que usa da força física sem necessidade, de forma excessiva. Essa é a maneira que são transmitidas as informações sobre a instituição policial. Será que a mídia e a sociedade civil estão certas com respeito a estas ideias?

A bestialidade não seria noticiada nos meios de comunicação sem a sua existência. Todavia, a forma que se divulga é que terá maior relevância no dia-a-dia das pessoas. À medida que as mídias vão se globalizando, a humanidade por sua vez acaba vivenciando uma sensação de medo pela falta de segurança, pois tem acesso às mais diversas informações, muitas vezes deturpadas, desde acidentes de trânsito, ou mesmo assaltos, casos de homicídios, bem como tantos outros tipos de delitos.

Quando os meios de difusão da informação apresentam uma matéria sobre delitos em geral, com os fatos ocorridos, divulgando imagens ou mesmo ao relatar a história das vítimas envolvidas, o telespectador/leitor por sua vez acaba interagindo com a polícia, pois se evidencia que os reflexos midiáticos influenciam a assimilação do público, instigando-os a colaborar para com a segurança pública.

Tal episódio tem sido constatado nas serviços de atendimento de emergências (190) da Polícia Militar, em que se percebe que os meios de difusão da informação, principalmente a televisão, acabam estimulando as pessoas a se comunicarem ou denunciarem algo referente aos assuntos abordados nas matérias noticiados no meio televisivo supracitado.

Nos dias atuais, é sabido que se uma reportagem relatar algum delito que tenha ocorrido em certa localização, por meio de imagens em geral, fotos ou mesmo retrato falado de suposto autor, as pessoas se sentem mais motivadas a noticiar o crime, seja pessoalmente ou via central de emergência, isto é, ligando no 190, além do disque-denúncia da própria Polícia Militar (0800481717), o que resulta em fatos relatados semelhantes ou até mesmo prestando informações da localização do autor daquele crime.

O exemplo mais atual que se tem notícia foi o ocorrido em Joinville, quando em um dos quadros do “Fantástico”, da Rede Globo, publicou as fotos dos pedófilos mais investigados no Paraná, constando no banco de dados da polícia paranaense. Um deles, sentenciado pelo estupro e morte de uma criança de sete anos e estava foragido, sendo localizado depois em Santa Catarina.

Dessa forma, com a cooperação da comunidade que conseguiram chegar até o autor dos crimes, contando com o auxílio de três denúncias pelo serviço de emergência 190 da PM de Joinville, pelo o qual populares deram informações a respeito do paradeiro do homem que estava sendo investigado. Daí em diante, agentes de inteligência da Polícia Militar da cidade acompanharam todos os passos do foragido, culminando assim na prisão transgressor em voga.

Em virtude da participação da comunidade no caso supracitado, tal como em tantas outras ocorrências, o que se percebe é justamente a importância da participação das pessoas no contexto da segurança pública, colaborando para com a polícia.

3. METODOLOGIA

Determina-se aqui o método e os materiais a serem aplicados na pesquisa.

3.1. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

No que tange à natureza, as pesquisas de cunho científico podem ser classificadas como qualitativa, quantitativa e quanti-qualitativa.

Optou-se assim pela quanti-qualitativa, visto que foi realizada a priori uma pesquisa bibliográfica. Pesquisa bibliográfica é a pesquisa feita em materiais como livros técnicos, revistas técnicas, artigos, teses e dissertações. (GIL, 2010).

Foi procedida uma pesquisa de campo logo após o levantamento bibliográfico, para que pudesse ser estabelecido um bom entendimento a cerca do tema, objetivos da pesquisa bem como as hipóteses e meios de coleta dos dados.

3.2. CLASSIFICAÇÃO DAS PESQUISAS QUANTO AO OBJETIVO ESPECÍFICO

Em se tratando de objetivo específico, classificam-se as pesquisas científicas em exploratória, descritiva e explicativa, optando-se pela descritiva em especial.

A pesquisa se apresenta inicial como descritiva, descritiva é aquela que expõe características claras e bem delineadas de determinada população ou fenômeno, para isso envolve técnicas padronizadas e bem estruturadas de coletas de seus dados. (VERGARA, 2007).

Quanto ao material utilizado no estudo, a priori foram utilizadas diversas fontes na revisão da bibliografia, coleta de dados essa por meio de livros, artigos, jornais, internet, além da visão transmitida pela mídia, quando se trata da criminalidade.

3.3. PERFIL DA PESQUISA

O tema abordado no presente estudo por se tratar de um assunto de grande relevância para o entendimento da relação entre a Polícia Militar e a visão

transmitida pela mídia, quando se trata da criminalidade, buscou analisar com cautela todos os dados coletados na pesquisa de campo, comparando-os com os resultados da pesquisa bibliográfica.

3.4. INSTRUMENTOS DE PESQUISA

As fontes consultadas foram por meio de revistas, jornais, artigos e livros pessoais que pudessem corroborar para com o desenvolvimento do tema em si.

Os dados foram coletados na pesquisa de campo por meio de um questionário com perguntas fechadas.

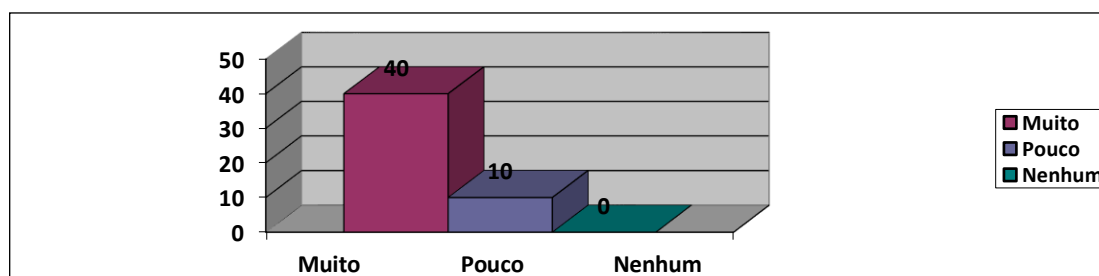
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Foram apresentadas as análises e discussões dos resultados das percepções e entendimentos dos entrevistados sobre - Qual a visão transmitida pela mídia, quando se trata da criminalidade e seu conhecimento em relação ao tema?

Com base no questionário aplicado, foram registrados alguns gráficos para demonstração dos pontos analisados dos dados coletados na pesquisa de campo, tendo assim uma amostra e uma noção do conhecimento das pessoas.

Dessa forma, 50 (cinquenta) pessoas participaram nesta pesquisa, as quais não terão o nome revelado por uma questão de privacidade. Os dados em voga servem de embasamento e enriquecimento do conteúdo e aprendizagem do presente estudo. Os gráficos a seguir estão organizados de forma cronológica, respeitando a sequência investigada no questionário, a saber:

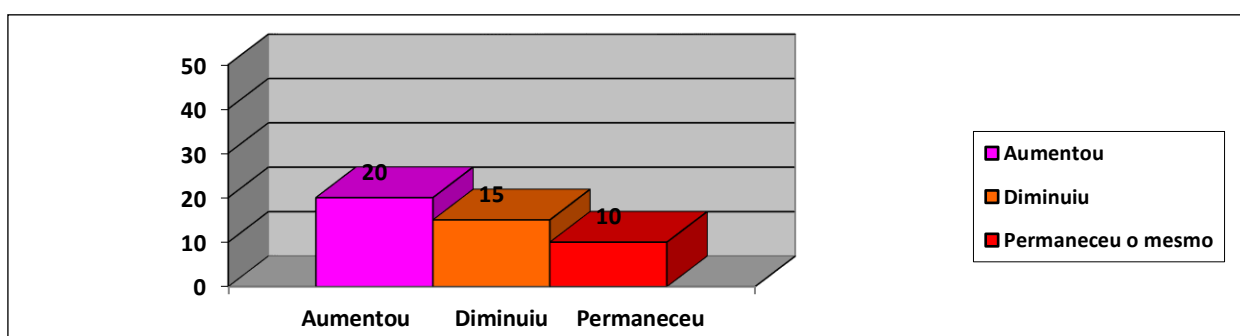
Gráfico 1 - Qual o grau de importância do papel da mídia no campo político, social e econômico?



Fonte: Dados primários

O Gráfico 1 indica o porquê do país se encontrar em uma crise política, as mídias procuram de diversas formas e meios para chamar atenção e interesse pela notícia, a maioria de violências. Deste modo, o grau de importância no campo político, social e econômico e suas possíveis causas são fatores de muita importância para a formação da sociedade, afetando todas as classes sociais, inclusive as mais baixas.

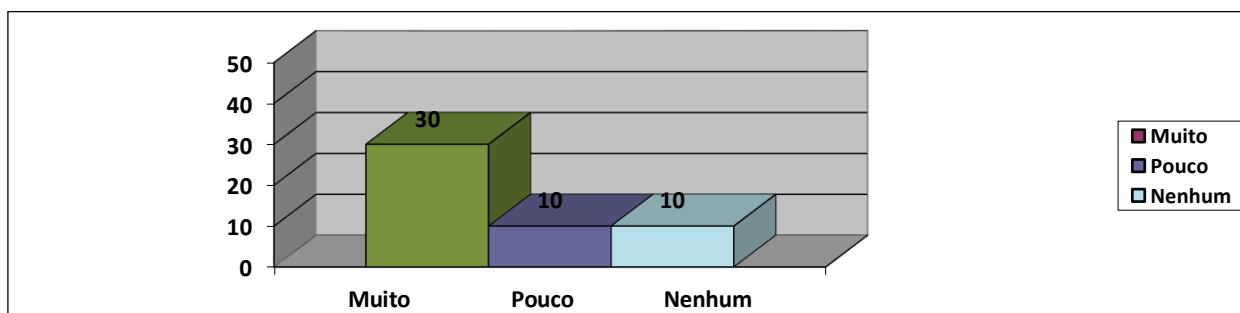
Gráfico 2 - Nos últimos 12 meses, a violência na sua cidade aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?



Fonte: Dados primários

Segundo o Gráfico 2, 20% responderam que a violência aumentou devido ao grande número de crimes presenciados nas mídias, 15% respondeu que diminuiu ou tem a sensação que diminuiu, por não ter tanta notícia de crimes nos meios de comunicação e 10% acreditam que permanece do mesmo jeito.

Gráfico 3 - Lembra-se de ter visto ou ouvido na mídia alguma história boa / positiva sobre a polícia?

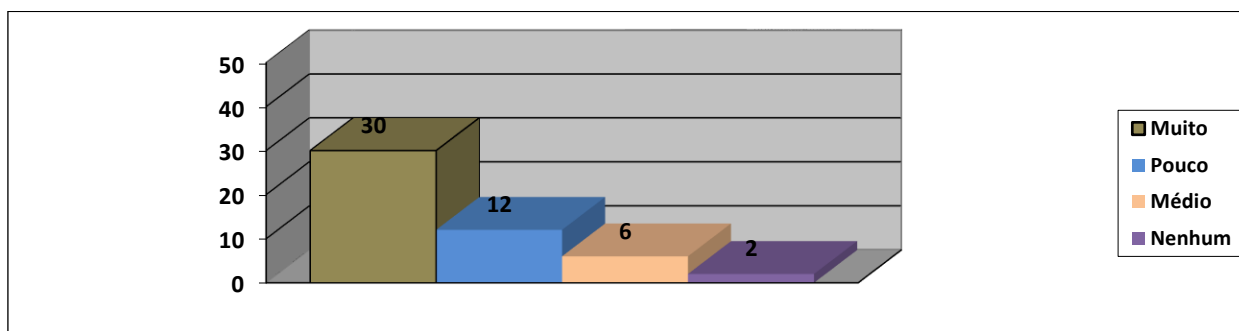


Fonte: Dados primários

Observa-se aqui no Gráfico 3 que apesar de muitas notícias envolvendo crimes, a mídia já mostrou notícias positivas sobre a polícia 30% já viram ou ouviram

uma história de forma positiva da ação policial, enquanto que apenas 10% viram ou ouviram pouco e 10% não presenciaram qualquer notícia positiva. Isso demonstra que mesmo em meio a notícias de violência, ainda há a vinculação de coisas positivas, mas ainda não é um número significativo.

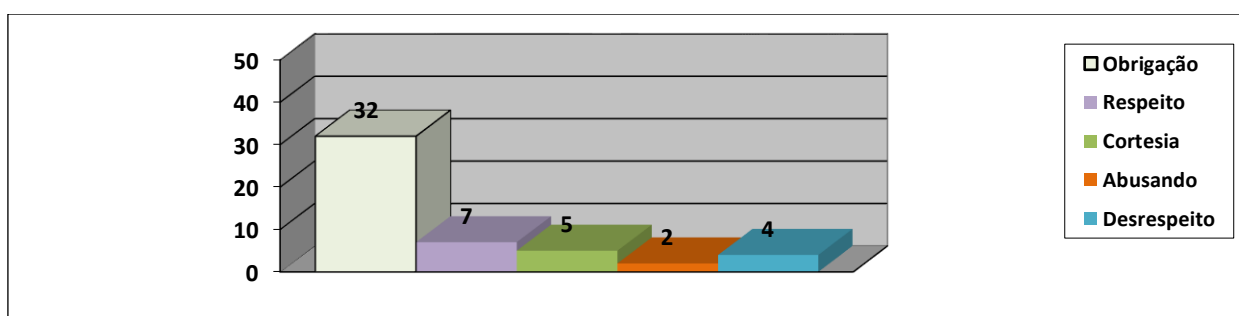
Gráfico 4 - Como pode ser avaliado a POLÍCIA MILITAR em relação ao que aparece na mídia (Violência /Respeito/Corrupção/Eficiente)?



Fonte: Dados primários

Segundo o Gráfico 4, 30% dos entrevistados disseram que a violência é muito evidente segundo o que mostra a mídia, 12% acreditam que tem pouco respeito em alguns casos, 6% que a corrupção está na média, ou seja, não está muito em pauta e 2% acreditam que não é eficiente, neste caso o sistema tem falhas operacionais e estruturais.

Gráfico 5 - Qual sentimento que a Polícia transmite à população segundo a Mídia?



Fonte: Dados primários

Estes resultados do Gráfico 5 não demonstram um relacionamento muito positivo entre polícia e a população. É preocupante quando se têm 32% respondendo que os policiais apenas cumprem sua obrigação. Com relação a este dado, verifica-se uma indiferença das pessoas com o trabalho da polícia. Ao mesmo

tempo em que se pode interpretá-lo como crítico, percebe-se que há certa apatia por parte da população no relacionamento com a polícia. Dados como estes demonstram que um trabalho muito árduo deverá ser feito para a conscientização popular. Além disso, percebe-se que o trabalho policial é visto como mal feito, ineficiente.

4.1. ANÁLISE DOS FATOS

A mídia “alterou fortemente o costume pelas atividades de entretenimento e socialização das pessoas”. A um aumento gradativo das diversas possibilidades para a prática de crimes, principalmente no que condiz a roubo e furto de aparelhos eletrônicos em geral. (REINER, 2002).

Com relação à mídia eletrônica, nota que a única política moderna da TV é a “ideologia do consumo”, cujo “efeito modernizador tem servido à causa da dominação pelo consumo e da discriminação de classes pelas diferenças de poder aquisitivo, alimentado pela produção monopolística”. (SODRÉ, 1977, p. 30).

A “ausência de controles” é o último fator importante a ser mencionado, uma vez que muitos ofensores potenciais, embora motivados e possuindo meios, desistem de levar adiante a empresa criminosa diante de controles efetivos. Esses podem ser “externos”, como a polícia, ou ainda “internos”, como os traços de personalidade denominados de “policial da consciência” pelo psicólogo alemão, Hans J. Eysenck (1964). (REINER, 2002).

A eficácia de tais controles seria erodida pelas imagens midiáticas de dois modos: os controles externos, pelas representações depreciativas do sistema judicial e pela ridicularização do papel da polícia, o que sugeriria uma sensação de impunidade. Entretanto, o maior impacto ocorreria em virtude da deterioração gradual dos controles internos que costumam inibir o comportamento delituoso, o qual seria favorecido pela promoção da permissividade e indisciplina.

Após considerar algumas das possíveis “articulações temáticas” entre as pesquisas de mídia e as de crime. O pressuposto da análise é o de que, quaisquer que sejam os objetivos da mídia-- comercial, político, moral ou estético –, ela sempre visa provocar algum tipo de resposta do público. Essa resposta, entretanto, depende em larga medida de como os conteúdos de suas representações são interpretados pelas pessoas.

É por essa razão que, ao transmitir de maneira sensacionalista um incidente quer seja isolado ou não, a reportagem na televisão de crimes envolvendo violência pode levar o telespectador a se identificar com a vítima, mesmo tendo o crime ocorrido a quilômetros de distância do local de recepção da notícia, no qual contribui para ressaltar a percepção em torno da criminalidade.

Para enfatizar ainda mais esse assunto, pode-se lembrar de grandes casos que foram repercutidos e que geraram um grande fascínio e comoção na população pela transmissão em tempo real, como o sequestro do ônibus da linha 174, no Rio de Janeiro, no dia 12 de junho de 2000, outro sequestro transmitido em tempo real foi o da estudante Eloá Cristina Pimentel na região de Santo André, no dia 19 de Outubro de 2008. O brutal assassinato do menino João Hélio do Rio de Janeiro, no dia 7 de fevereiro de 2007 e da menina Isabella Nardoni em São Paulo, no dia 5 de março de 2008, todos esses crimes foram acompanhados pela população e são lembrados mesmo depois de muitos anos de seu acontecimento.

A ação dramática e “emocional” desses episódios estimula um método de “punição de maneira ostensiva e emotiva”, facilmente conduzindo a um “linchamento midiático” dos suspeitos, que significa um em outras palavras, um acontecimento espontâneo ou planejado, que atrai a atenção de organizações de meios de comunicação, particularmente jornais, telejornais e jornais na internet e a condenação sumária dos criminosos, a dúvida em relação ao sistema penal e a promoção do “populismo punitivo”. (PRATT, 2000).

A mídia se torna, assim, o espaço privilegiado onde as vítimas expressam publicamente suas emoções (ódio, vingança, perdão) através de manifestações de sentimento que contrastam com o formalismo burocrático e racional característico da justiça criminal.

Os crimes noticiados na TV tendem a ser predominantemente violentos, a cobertura é geralmente episódica (eventos isolados e não contextos gerais) e a figura do suspeito aparece como agente causal do evento criminoso. Como os telespectadores apreendem dos suspeitos apenas aquilo que se limita às atribuições visuais, o crime violento tende a ser relacionado à raça e à etnia (GILLIAM e IYENGAR, 2000).

No Brasil, de acordo com o “Guia para Prevenção do Crime e a Violência nos Municípios”, elaborado pela Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça, fica evidente que o maior número de crimes registrados pela

polícia – casos de furto e de lesões corporais – é o que recebe menor atenção dos veículos de comunicação. Por outro lado, embora os casos de homicídio digam respeito apenas a 1,7 % dos crimes registrados pela Polícia, eles são responsáveis por mais de 40 % das matérias sobre crime (BRASIL, 2005, p. 12).

A notícia no Brasil é movida por interesses comerciais, sendo tratada como um produto de consumo destinado a gerar audiência e não necessariamente informar o público: “quanto mais espetacular, melhor. Entre informação séria e relevante para o cidadão, sem imagem, e outra irrelevante socialmente, mas assustadora do ponto de vista visual, a TV escolhe a segunda” (LEAL FILHO, 2006, p. 95).

Em entrevistas com policiais e moradores do município de Santo André (SP) mostra como essa percepção pública da instituição policial é permeada pelo medo. A autora coloca que, a população, que deveria olhar a polícia como alguém em quem confiar, ao contrário, identifica-a como sujeitos truculentos, que desrespeitam a lei e agredem as pessoas indistintamente, em vez de transmitir segurança (BAIERL, 2004, p. 156)

Essa autora aponta que a polícia civil, em especial, e a polícia militar são os sujeitos que mais provocam medo na população, tanto nas favelas quanto nos bairros de classe média. Conseqüentemente, as respostas à presença da polícia como garantia de segurança eram desqualificadas.

O livro - O espírito militar - mostra como o mundo é visto de maneira diferente por militares e civis. De acordo com o autor, a partir de entrevistas com militares, torna-se perceptível que a imagem que têm de si mesmos é de “[...] seriedade, profissionalismo, competência, verdadeira liberdade, linguajar correto, ordem e disciplina [...]”; já os civis são interpretados como dotados das seguintes características: “[...] falta de seriedade, profissionalismo e competência, falsa liberdade, gírias e palavrões, desordem e displicência” (CASTRO, 2004, p. 44).

A cada novo fato de violência nos canais de TV faz com que se acrescente ao antigo, ampliando a cifra e indicando a deterioração da vida social, razão pela qual não há referência externa; o canal é único e excludente: a realidade é feita de um fato depois do outro, que se soma ao anterior, tornando-o sempre maior (SOARES, 1996 *apud* ROLIM, 2006, p. 190).

No seguinte quadro para os jornais Folha de S. Paulo e Jornal do Brasil, comparando o percentual de notícias criminosas segundo o tipo penal com a

incidência de crimes registrados pela polícia em São Paulo (KAHN, 2001, p.8 *apud* ROLIM, 2006, p. 197):

Tabela 1 - Comparação do percentual de notícias criminosas e os registros da polícia.

DELITO	FOLHA	FOLHA	JB	JB	CRIMES
Furto	2,7%	4,8%	3,0%	2,9%	45,6%
Lesão Corp.	3,9%	2,7%	4,6%	2,3%	27,3%
Roubo	24,7%	27,6%	27,3%	31,5%	23,7%
Homicídio	41,5%	38,1%	41,5%	43,9%	1,7%
Tráfico	9,5%	10,5%	14,3%	13,1%	1,0%
Estupro	6,4%	5,3%	6,2%	3,5%	0,4%
Sequestro	10,6%	10,5%	2,5%	2,2%	0,0001%

Fonte: (KAHN, 2001, p. 8 *apud* ROLIM, 2006, p. 197).

A Tabela 1 permite dizer que as notícias sobre o crime tendem a projetar sobre a sociedade uma imagem estranha de si mesmas, o que produz repercussões sobre a maneira pela qual as pessoas percebem o crime e a violência.

Nota-se que os Homicídios tem sido um dos mais noticiados com média de 40% em todos os jornais, enquanto somente 1,7% são noticiados pela polícia. Enquanto o Furto é registrado com mais de 45%, os jornais não apresentam nem 5% das notícias.

5. CONCLUSÃO

A finalidade deste trabalho foi compreender a influência que as mídias têm diretamente na percepção da sociedade quanto ao crime e violência. A maneira atualmente como o jornalismo e as mídias em geral tratam o crime e a violência apresenta um assunto de extrema relevância para a sociedade.

Notou-se que a rede de televisão em massa, a imprensa em si, a internet e respectivas redes sociais têm forte influência sobre a formação social das pessoas, pois transmitem e moldam aos telespectadores como eles realmente

querem, mantendo-se no controle, utilizando estratégias de concessões econômicas, articulam e influenciando na cultura social. Em outras palavras, agem persuasivamente sobre as pessoas, manipulando a compreensão da maioria das pessoas sobre a realidade.

No que tange notícias que abordam a questão da criminalidade, em plena era da informação, deveria ser tratada com descrição e o comprometimento na luta contra a violência, mostrar as soluções encontradas pela polícia e chamar atenção para os fatores precursores da criminalidade e da violência, mostrando o que pode ser feito para a prevenção.

Em suma, conclui-se que ao mesmo tempo em que a informação é considerada um dos principais patrimônios da organização, sua violação é cada vez mais fonte de risco e ameaça. Entende-se que as mídias devem ser um dos instrumentos que possam auxiliar para um controle da violência e não gerar mais.

6. REFERÊNCIAS

A TRIBUNA, Portal DE Mato Grosso. **A importância e o compromisso da mídia com a sociedade**. Disponível em: <<http://www.tribunamt.com.br/2009/06/30/aimportancia-e-o-compromisso-da-midia-com-a-sociedade/>>. Acesso em: 06 de março de 2018.

BAIERL, Luzia Fátima. **Medo Social: da violência visível ao invisível da violência**. São Paulo: Cortez, 2004

BRASIL, Portal Ministério da Justiça. **Guia para prevenção do crime e a violência nos municípios**. Brasília-DF., SENASP, 2005. Disponível em: <www.mj.gov.br/servicos/.../FileDownload>. Acesso em: 27 de Fevereiro de 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Questions de Sociologie**. Paris, Minuit. 1984

_____. **Sur la Télévision**. Paris, Raisons d'Agir. 1996.

CAMPOS, Major Sandro Roberto (PMES). **Violência, mídia e segurança pública no Brasil: por uma visão para além de polícia**. Disponível em: <<http://www.feneme.org.br/pagina/1399/violecircncia-miacutedia-e-segurancedila-puacuteblic>> Acesso em: 27 de Fevereiro de 2018.

CHAMPAGNE, Patrick. (1993), "La Vision Médiatique". **Mídia, segurança pública e representações sociais**. In: BOURDIEU, Pierre (org.), La Misère du Monde. Paris, Seuil. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702009000200010#not3> Acesso em: 06 de março de 2018.

CASTRO, Celso. **O Espírito Militar**: Um estudo de antropologia. 2.ed. revista. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CHAUÌ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo, Brasiliense, 1980.

DA CRUZ, Major da PMSC Tércia Ferreira. **Sociedade, Mídia e Polícia**. Mestranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela UFSC. Publicado na Seção "Opinião", do Jornal "A Notícia", de 24 de novembro de 2008. Disponível em: <<http://www.pm.sc.gov.br/policial/profissional/ensino/artigos-de-opinioes/sociedade-midia-e-policia.html>> Acesso em: 06 de março de 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo:Atlas, 2010.

GILLIAM, Frank Jr.; IYENGAR, Shanton. **Prime Suspects**: the influence of local television news on the viewing public. American Journal of Political Science, vol. 44: 560-573, 2000.

JEWKES, Yvonne. **Media and Crime**. London: Sage Publications, 2006.

LEAL FILHO, L.L.. **A TV sob controle**: a resposta da sociedade ao poder da televisão. São Paulo: Summus, 2006.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.

PRATT, John. **Emotive and Ostentatious Punishment**: Its Decline and Resurgence in Modern Society. Punishment & Society, Vol. 2 (4): 417-439, 2000.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Mídia, segurança pública e representações sociais**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 21, nº 2. Novembro de 2009.

REINER, Robert. **Media, Crime, Law and Order**. In: The Scottish Journal of Criminal Justice Studies, vol. 12, 5-21: July, 2002.

ROLIM, Marcos. **A síndrome da rainha vermelha**: policiamento e segurança pública no século XXI. Rio de Janeiro: Jorge Zahar / Oxford, Inglaterra: University of Oxford, Centre for Brazilian Studies, 2006.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. Petrópolis: Vozes, 1977.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 9 ed. São Paulo: Atlas, 2007.